



Editorial

Com muita satisfação apresentamos a 7ª. Edição do Jornal MovEcampo, que iniciou em 2010, a partir do trabalho da turma de Licenciatura em Educação do Campo, tornando-se, em 2013, o jornal do Laboratório de Educação do Campo, da Universidade Estadual do Centro Oeste (Guarapuava/PR). Socializamos nessa edição especial os trabalhos desenvolvidos em agroecologia, por seis escolas itinerantes/de assentamento vinculadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, do estado do Paraná. O trabalho tem envolvido a juventude e as comunidades das referidas escolas. O objetivo da divulgação é socializar as experiências e fazê-las referências para a realização em outros locais, outras escolas, outras comunidades. Afinal, é hora de preservar a natureza, de melhorar a qualidade de vida e de produzir alimentos saudáveis.

Em 2014, a equipe do Laboratório de Educação do Campo participou da chamada MCTI/MDA-INCR/CNPq nº 19/2014 - fortalecimento da juventude RURAL e aprovou o projeto intitulado "Formação em Agroecologia dos jovens no Ensino Médio das Escolas Itinerantes do Paraná: do saber popular ao conhecimento científico para o cuidado com a terra e com a vida", que tem por objetivos: inserir a juventude de escolas itinerantes, nas comunidades de acampamentos, por meio de estudo, pesquisa e implementação de práticas que contribuam para a compreensão crítica da realidade do campo e para sua transformação em direção a um novo paradigma fundamentado no desenvolvimento agrário sustentável; realizar aprofundamento teórico, por meio de atividades de estudo e pesquisa, sobre a produção agroecológica; promover práticas de auto-organização da juventude; experimentar e difundir conhecimentos sobre a agroecologia, bem como planejar a produção de alimentos saudáveis, para a melhoria da qualidade e da produtividade das unidades familiares, organizações de cadeias de produção; disseminar o uso de metodologias participativas aplicadas à pesquisa, assistência técnica e extensão rural; sistematizar o resultado do processo de estudo,

pesquisa e experimentação na perspectiva de socializar o conhecimento produzido. As ações são realizadas junto às comunidades nas quais estão inseridas as escolas itinerantes, vinculadas ao MST, no Paraná e que ofertam Ensino Médio. As metas centrais da proposta são: criação de seis Grupos de Estudo, Pesquisa e Experimentação Jovem –GEPEJOVEM; realização de encontros anuais de Pesquisa e Iniciação Tecnológicas; realização de encontros de Formação dos professores de química, física e Biologia; realização de visitas técnicas dos estudantes a locais nos quais são implementadas experiências de agroecologia; intervenção em campos experimentais de agroecologia; sistematização dos conhecimentos adquiridos e produzidos que serão organizados em forma de cartilhas, na perspectiva de disseminá-los. Participam do Projeto as escolas/colégios: Caminhos do Saber (Ortigueira); Herdeiros da Luta de Porecatu (Porecatu); Valmir Motta de Oliveira (Jacarezinho); Herdeiros do Saber (Rio Bonito do Iguçu); Aprendendo com a terra e com a vida (Cascavel) e 1º. De Setembro (Rio Branco do Ivaí). As atividades do Projeto também estão vinculadas à "Jornada Cultural Nacional: Alimentação Saudável, um direito de todos!", organizada pelo MST. As próximas páginas desse jornal apresentam parte das atividades realizadas no Projeto. A última página apresenta a contribuição de Valdemar Arl, integrante do Projeto, Mestre e Doutor em Agroecologia, fundador da Rede Ecovida de Agroecologia.

PRESERVAÇÃO DA MINA DO ACAMPAMENTO E DRENAGEM: AÇÕES DO PROJETO DE AGROECOLOGIA

O debate acerca da Nascente de água no Acampamento é muito anterior ao surgimento do Projeto de Agroecologia. A Escola Itinerante já havia feito este debate em vários momentos, mais forte com a iniciativa do professor Wellington Taques, que juntamente com duas educandas do 9º ano construíram um Projeto de Preservação da Mina (como é chamada), porém este projeto não se efetivou, pois os planos do Acampamento, na época, foram outros e não houve oportunidade de socializar e discutir a preservação da Nascente de Água naquele momento.

Isso aconteceu em 2014. No ano seguinte, com a chegada do Projeto de Agroecologia - Formação em Agroecologia dos jovens no Ensino Médio das Escolas Itinerantes do Paraná: do saber popular ao conhecimento científico para o cuidado com a terra e com a vida - as duas educandas que tiveram a iniciativa na realização dos trabalhos na Nascente de Água entraram no Projeto e desde o início, do planejamento do mesmo, a preocupação com a Nascente (Mina) do Acampamento foi inserida.

A Mina abastece a maioria das famílias do Acampamento, destas as que moram abaixo do nível da Mina a utilizam por gravidade, e as que moram acima do nível da mina são abastecidas pelo bombeamento que leva a água até uma caixa geral que depois distribui pelo encanamento no



Encerramento da 1ª Drenagem

acampamento.

Para iniciar as atividades e as discussões sobre a Nascente de Água, uma parte dos/as bolsistas do projeto foram até o espaço da mesma, onde tiraram fotos e fizeram um mapeamento das condições, foi encontrado muito lixo, inclusive embalagem não reutilizável. Também foi constatado que havia circulação de muitas pessoas e animais no local.

Neste mesmo tempo, houve um encaminhamento do Setor da Saúde e do Setor de Infraestrutura na Coordena-



Construção da 2ª Drenagem

ção para que fossem cortadas todas as bananeiras do local, devido ao surgimento de uma lesma preta e esta, segundo as discussões feitas nestes setores, transmitia doenças. Como algumas pessoas do projeto participam da coordenação e a monitora do Projeto levantou a questão que não eram as bananeiras que traziam essas lesmas para a Nascente e sim a falta de cuidados e o fato da própria circulação de pessoas e animais neste espaço, o que gerava resíduos que prejudicavam, inclusive na qualidade da água.

E como não havia uma proteção em volta para delimitar a passagem e permitir que a mata ciliar crescesse era claro que estes problemas seriam visíveis. Para encaminhamento nesta reunião foi marcada uma outra para que se averiguassem os fatos e a situação.

A reunião foi marcada com integrantes do Projeto, Setor de Saúde e Setor de Infra. Como o Setor da Infra é responsável pela distribuição da água e manutenção da mesma no Acampamento, e este Setor tem uma pessoa responsável para isso, foi aproveitado para debater várias questões.

A primeira delas que as bananeiras não seriam retiradas, pelo contrário, seriam plantadas mais mudas e outras variedades de árvores nativas seriam introduzidas. Também se definiu que o Projeto, o Setor de Infraestrutura e da Saúde faria uma cerca de proteção no espaço. Foram duas semanas de trabalho entre o Projeto e o Setor de Infra. Esta cerca foi feita com bambus e a reutilização de arames, pois não se dispunha de recursos financeiros.

As melhorias com esta cerca foram visíveis, pois esta possibilitou o isolamento do espaço da Nascente, proporcionando o crescimento de árvores nativas e também sendo introduzidas ali outras espécies, também nativas, mas que vieram de fora, como a Palmeira Jussara. A cerca impediu o acesso direto de pessoas e animais.

Hoje está sendo feita a manutenção permanente. Esse debate rendeu outras conversas em torno da melhoria da qualidade e quantidade de água no Acampamento, tanto que em julho de 2016, com a visita dos técnicos do projeto

foi realizada a drenagem de uma das nascentes menores.

Para realizar esse trabalho primeiramente foram muitas semanas de conscientização e diálogo sobre o que é essa drenagem na coordenação para permitir a ação, e, então, a escolha do espaço. Havia a preocupação de que se mexesse na Nascente e ela poderia secar, por isso foi indicado que fosse escolhida uma menor, fora do espaço da Nascente principal, a qual abastecia cinco famílias e seus animais.

O trabalho foi realizado em um dia de chuva, com a contribuição do Pedrinho, responsável pela água no Acampamento, os e as Bolsistas do Projeto e os técnicos Pedro e Odair.

O resultado de todo este trabalho foi muito positivo, fomos procurados para realizar mais uma drenagem em uma Nascente pouco maior que a primeira, esta que abastece 12 famílias, na qual foram realizados os trabalhos para a Drenagem no mês de Setembro e aconteceu em conjunto com as famílias.

Agora fomos novamente procurados para ver a possibilidade de realizar uma drenagem na Nascente geral, ou seja, na Nascente que abastece a maioria das famílias do

Acampamento. Estamos aguardando este debate ser feito em todo o Acampamento, para que toda a população do mesmo fique ciente e que também participe dos processos.

Ainda são muitos os desafios, mas o trabalho de conscientização e de preservação da Nascente de Água vai continuar e aos poucos todas as famílias se beneficiarão de suas melhorias. Isso traz mais saúde, mais qualidade da água consumida e preservação e cuidado da Água e do Meio Ambiente.



Horta-floresta

(Escola Itinerante Valmir Motta)

Setembro 2015. A escola itinerante Valmir Motta de Oliveira recebeu o desafio de desenvolver um Projeto em agroecologia, com o pagamento de bolsas para estudantes. Após a equipe composta deu-se início à proposta. A equipe de bolsistas junto à coordenação da escola, mais, parte do setor de produção selecionou e concluiu que a melhor proposta de projeto a ser desenvolvido seria a produção no sistema de horta-floresta.

O local escolhido para o desenvolvimento da horta-floresta foi ao lado da escola, onde já tinha uma horta abandonada. O solo da região é predominante arenoso, então a primeira atividade desenvolvida na área foi a produção de compostagem e adubação, a partir de esterco bovino, pois além do solo arenoso também se encontrava em estágio de degradação. Todas as atividades propostas e desenvolvidas na horta-floresta foram pensadas nas seguintes linhas. Primeiro: seguir os parâmetros agroecológicos; segundo: inserção dos educandos da escola itinerante; terceiro: recuperação e manutenção do solo utilizando

apenas os recursos naturais, sem gastos financeiros; quarto: produção de alimentos saudáveis para a escola consumir; quinto: a prática pedagógica sobre a importância da agroecologia em sala de aula e a campo com todos os educandos, desde as séries iniciais até o ensino médio.

Foram realizadas diversas atividades e as respostas foram motivadoras. O projeto conseguiu trazer à área de cultivo uma melhoria significativa na estrutura do solo, uma visão positiva dentro da escola acerca da produção agroecológica e os educandos já vem consumindo a produção da horta-floresta.



Experiência de horta mandala agroecológica em conjunto com agrofloresta do coletivo de agroecologia da Escola Itinerante Caminhos do Saber

Coletivo do projeto de agroecologia da Escola Itinerante Caminhos do Saber, do acampamento Maila Sabrina, município de Ortigueira-PR

As atividades do projeto “Formação em Agroecologia dos jovens no Ensino Médio das Escolas Itinerantes do Paraná: do saber popular ao conhecimento científico para o cuidado com a terra e com a vida” foram iniciadas na Escola Itinerante Caminhos do Saber em setembro de 2015. De início eram 18 participantes, sendo esses educandos do Ensino Médio da escola, educandos universitários, técnico e alguns jovens da comunidade e como cada escola itinerante assumiu a partir do projeto uma prática agroecológica específica, esse coletivo se propôs a construir uma horta mandala em conjunto com uma agrofloresta. À coordenação da escola coube o trabalho de acompanhamento do grupo e do trabalho a ser realizado.



Construção da mandala e reposição do solo

O foco principal do grupo era desenvolver a horta mandala e, com o tempo, ir trabalhando a ideia da agrofloresta. O planejamento das atividades iniciou-se já com a escolha do local no qual seria construída a horta e para a decisão foram consideradas algumas questões importantes, tais como: a distância do local da horta com a comunidade e com a escola, as características de solo (fertilidade, nivelamento, possibilidade de manejo, etc.), a existência e disponibilidade de água nas proximidades da horta, enfim, foram realizadas muitas discussões até que se chegasse a um consenso. Foram pensados e propostos diversos espaços, mas nenhum era perfeitamente apropriado, assim, concordou-se que o terreno a ser utilizado seria o que se encontra na parte superior da escola, pois além de cumprir parte dos requisitos básicos considerados de início, possibilitaria um acompanhamento cotidiano e a

contribuição do núcleo setorial de Agropecuária, o que ocorreu em várias oportunidades.

O desenho da horta mandala foi elaborado a partir do conhecimento

que os componentes do grupo possuíam dessa prática e a partir de algumas informações conseguidas através de pesquisas na internet, cartilhas e outros materiais. Assim, estabeleceu-se que a mandala teria 10 m de diâmetro, 78, 5 m² de área, seria dividida ao meio com um espaço para circulação, além de que cada lado teria três canteiros de diferentes tamanhos, estando os menores ao centro e os maiores nas extremidades. Dessa forma, o desenho dos canteiros acompanharia o formato circular apresentado pela horta mandala e entre eles haveria também espaços para livre circulação sem a necessidade de pisoteá-los.

Desde o início da construção da horta, a maior problemática enfrentada, e que ainda se mostra atual, foi a fertilidade do solo. Na verdade, por precisar de um terreno que apresentasse um nivelamento adequado, a horta foi construída em um local com pouca cobertura vegetal e que apresentava características rochosas. O espaço havia sido nivelado tempos antes com o propósito de se construir um campo de futebol para a escola, porém essa ideia foi deixada de lado e o espaço ficou sem utilização até que foram iniciadas as atividades do projeto. No momento em que foi nivelado, foi removida do solo sua parte fértil restando apenas a parte rochosa, dessa forma, considerando que o processo natural de recuperação leva um período extenso dependendo das condições, foi

necessária a reposição de nutrientes no local para que houvesse um resultado mais imediato de recuperação. Para tal, foi transportada terra para os canteiros, adicionado adubo e dado um período de descanso até que estivesse possibilitado o início da produção. Quando isso ocorreu, observando que os canteiros apresentavam as condições necessárias, foi realizado o plantio de hortaliças e temperos que foram



Área destinada para a agrofloresta



Construção da mandala e reposição do solo

destinados para a alimentação na escola e, nos casos de excedentes, distribuídos para os componentes do grupo e pessoas da comunidade. Desde então, para evitar o esgotamento dos recursos repostos com o processo de recuperação do solo e manter a fertilidade, vem sendo feito a rotatividade de culturas e adubação.

No fim de 2016 assumimos com mais ênfase o desafio da construção da agrofloresta. Tratava-se de uma das intencionalidades do grupo desde o início, mas ainda não havia sido implementada efetivamente. Para isso, aproveitando um espaço próximo à horta mandala que estava à disposição, viu-se o local apropriado para a equipe do projeto desenvolver seu trabalho, iniciado com a elaboração de um esboço de como essa seria concebida.

O trabalho na agrofloresta ainda está em fase inicial, uma vez que não estão à disposição todas as mudas necessárias para o plantio. Foi feita uma busca pela comunidade no intuito de se conseguir algumas variedades de frutíferas e árvores nativas para serem utilizadas no projeto, sendo que, o que foi conseguido foi levado a um pequeno viveiro no próprio espaço da agrofloresta no qual as

mudas ficarão até que se estabeleça a demarcação das linhas onde será realizado o plantio. A expectativa é a de que consigamos ainda em fevereiro concluir o plantio das mudas e já iniciarmos o manejo do espaço.

Realizamos um grande trabalho até o momento e estamos cientes de que o maior desafio ainda esta por vir. Temos grandes expectativas de deixar para a escola e para a comunidade o fruto de um trabalho que represente o compromisso que assumimos e o esforço que fizemos ao longo desse processo. Estamos muito animados pela nossa capacidade e pelo vislumbre do que o esforço conjunto pode construir e até que estivermos com



Mudas cedidas pela comunidade

Experiências agroecológicas na Escola Itinerante Herdeiros do Saber do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de maio

Deu-se inicio no dia 1º de maio de 2014 o acampamento Herdeiros da terra em Rio Bonito do Iguazu Paraná, com aproximadamente 2.500 famílias com objetivo principal a conquista da terra, e também buscar o fim do latifúndio denominado Araupel S/A Empresa que por muitos anos explorou e explora os bens naturais e a biodiversidade.



No ano de 2015 deu-se inicio na escola itinerante Herdeiros do Saber o projeto de agroecologia coordenado pela Unicentro de Guarapuava e o MST, com objetivos específicos de desenvolver práticas agroecológicas nas escolas dos acampamentos e assentamentos.

O nosso acampamento está localizado em seis espaços estratégicos definido pelo conjunto da coordenação. Desses espaços, quatro deles têm escolas municipais e somente aqui na sede dos Herdeiros, a escola estadual. Nesse espaço temos a experiência da agrofloresta, nela há algumas culturas de produção, árvores frutíferas, banana, mamão, laranja e algumas frutíferas nativas e variedades

de coberturas verdes entre elas mocuna, feijão de porco, feijão guandu e ervilhaca. Um dos objetivos da agro floresta é a recuperação do solo, pois era uma área degradada pelas máquinas e monocultura de pinus e eucalipto. Outro objetivo, ter como referencia para os futuros assentados desenvolverem em seus lotes.

No Herdeiros Dois há uma horta agroecológica, desenvolvida pelos educandos e bolsistas. Nela desenvolvemos algumas experiências: cobertura de solo com palhadas de feijão pois é rica em nitrogênio e segura umidade do solo, o que vem dando bons resultados. Também é feito o plantio de coberturas verdes que ajuda no desenvolvimento das hortaliças e serve como alimento para muitos insetos. Por fim, usamos algumas caldas desenvolvidas no acampamento como a sufocálcica, bordalesa entre outras, também a urina de vaca, pois conseguimos a um custo zero, ter excelentes resultados.



Saberes e experiências em uma escola do campo

Na construção de novos saberes entre escola e produção, um pouco da experiência e compreensão acerca das reflexões sobre Educação do Campo e conhecimento científico/popular em agroecologia. Estes são, portanto, indissociáveis do debate sobre a geração de outro projeto de sociedade, de desenvolvimento e do papel do campo nesse modelo.

O Colégio Estadual do Campo Aprendendo Com a Terra e Com a Vida está localizado no Assentamento Valmir Mota de Oliveira, Cascavel/PR. Conta atualmente com aproximadamente 246 estudantes que compreendem desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. A origem da escola remonta ao processo de luta pela terra no Paraná, sendo a fazenda Cajati ocupada pelo MST, em 1999. A escola teve seu início no Acampamento Dorcelina Folador, no cenário, o processo de implantação da Escola Itinerante.

Discutir no conjunto da escola o projeto da agroecologia como uma nova proposta de produzir e viver no campo é um desafio permanente. Desenvolver práticas e estudos em torno do tema que envolva educandos (as), educadores acampados e assentados na construção da agroecologia é o objetivo dos grupos formados pelo projeto. Na escola a partir da definição do espaço a ser desenvolvida a experiência, o grupo iniciou as atividades no local com estudo da área e sobre agrofloresta. Seguimos com a construção do mapa da área identificando as espécies de árvores existentes, as plantas espontâneas presentes no local e o tamanho da área jun-



to com o planejamento das atividades a serem desenvolvidas. Produzir alimentos saudáveis para complemento da merenda escolar como hortaliças, tubérculos e frutas tem sido priorizado como atividade principal, já que os alimentos vindos pelo estado e município na sua maioria são produtos industrializados, enlatados e contaminados com agrotóxicos. Em uma área de 2064 m² havia um pomar com algumas árvores frutíferas exóticas e nativas, que há muito tempo estava sem manutenção. Para recuperar esse espaço iniciamos com algumas práticas como roçadas, capina seletiva, plantio de plantas chamadas adubos verdes (feijão guandu, feijão de porco, mucuna anã). A relação entre teoria e prática na produção do conhecimento tem contribuído significativamente na experiência dos estudantes e com isso provoca, por sua vez, a necessidade de avançarmos em nossas reflexões sobre as possibilidades e desafios no debate da Agroecologia relacionado à Educação do Campo. O processo de organização cotidiano da escola possibilita a participação direta e indireta dos estudantes, a partir dos Núcleos Setoriais, quanto às atividades práticas, tudo isso numa relação intrínseca entre ciência e conhecimento popular.

Entre os resultados obtidos estão além do aprendizado cotidiano, a busca por novas práticas e experiências entre os agricultores das comunidades, quais fazem parte os jovens integrantes do processo estão inseridos. Outro aspecto importante a ressaltar está na obtenção de frutas, verduras e legumes de qualidade, resultante da atividade produtiva tanto por parte da equipe, quanto dos estudantes que participam a partir das atividades organizadas pelos professores responsáveis pelas áreas do conhecimento. O que está em desenvolvimento é a experiência de agrofloresta. Destacamos como importante no processo, o desafio de prosseguir com o projeto, com isso ampliar a participação e formação cotidiana dos sujeitos envolvidos, bem como, a defesa permanente de um projeto soberano, sem agressão ao meio ambiente, para a agricultura.



Núcleo setorial agrícola dos anos iniciais, outubro 2016

Projeto de Agroecologia do saber popular ao conhecimento científico para o cuidado com a terra e com a vida

Conhecendo o Colégio Estadual do Campo 1º de Setembro

O Colégio Estadual do Campo 1º de Setembro, está localizado no Assentamento Egídio Brunetto, município de Rio Branco do Ivaí, no Estado do Paraná. Esta instituição foi criada no ano de 2008, como

escola Itinerante e se tornou Colégio Estadual no ano de 2015, fruto de muita resistência e luta das famílias residente neste local. No início do acampamento as crianças, adolescentes e jovens estudavam em um distrito vizinho, onde sofreram discriminação ocasionando evasão escolar e desta dificuldade iniciou o interesse de constituir uma escola dentro do acampamento. Com a transição para Assentamento, o nome do Colégio foi em homenagem ao dia da ocupação desta fazenda, dia 1º de setembro de 2007. A estrutura física do Colégio, ainda esta restrita ao que a comunidade construiu e alguns espaços já existente da antiga fazenda, mas há uma grande luta em torno da construção de uma nova unidade para que haja mais potencialidade e conforto no processo educativo.



Projeto na escola

Atualmente a equipe do projeto em nossa escola, é composta por doze pessoas, sendo cinco monitores e sete estudantes. Reunimo-nos semanalmente, geralmente nas segunda feiras, para realizarmos as atividades de práticas na horta e para momentos de estudos, quando necessário nos encontramos mais que uma vez na semana.

A atividade desenvolvida neste Colégio está no âmbito da produção de hortaliças, priorizando o formato de horta mandala e cultivo de mudas por meio de um viveiro. Atualmente contamos com um espaço onde produzimos diversas espécies de verduras e legumes e doamos para o Colégio toda nossa produção.

Temos o espaço da horta como um local em que realizamos vários experimentos, como o controle de insetos com caldas, o controle de plantas indesejadas com o processo de abafamento, aproveitamento de canteiros com mais de uma espécie de hortaliça dentre outros. Tudo isso alicerçado na estudo teórico da importância e viabilidade de produzir sem o uso de agrotóxicos.



Um modelo perverso e destruidor

No modelo agroindustrial e agroquímico do **agronegócio** amplia-se a concentração e integração entre a agricultura, a produção de insumos, grandes complexos agroindustriais, redes de supermercados e o capital financeiro.

Trata-se de modelo é exercido por grandes corporações multinacionais, formando «**impérios agro alimentares**» que passam a controlar a produção e o consumo, reduz a base alimentar, contamina os alimentos, concentra as terras, explora e exclui as pessoas.

Nesse modelo também a relação da espécie humana na natureza torna-se cada vez mais negativa, pois faz regredir os ecossistemas, desequilibra, contamina, diminui a biodiversidade, degrada o solo, contamina e diminui a água, etc.

É portanto, uma necessidade e um grande desafio restabelecer uma interação positiva na natureza para nossa própria qualidade de vida e continuidade. Nesse modelo também a relação da espécie humana na natureza torna-se cada vez mais negativa, pois faz regredir os ecossistemas, desequilibra, contamina, diminui a biodiversidade, degrada o solo, contamina e diminui a água, etc.

É portanto, uma necessidade e um grande desafio **restabelecer uma interação positiva na natureza** para nossa própria qualidade de vida e continuidade.

Uma proposta de interação positiva no meio ambiente e entre as pessoas

O campo como um modo de vida

A **agricultura familiar/camponesa** é um **modo de viver**, pensar, criar e produzir sustentado na família. Essa forma de ser, produzir e viver, que **não cabe de todo no capitalismo**, é importante na construção de uma nova sociedade.

A organização e articulação são condições básicas para afirmação dessa **resistência camponesa** como parte da classe trabalhadora na oposição ao agronegócio (capitalismo) e **transformação social**.

A **aliança** estratégica entre o **campo e a cidade** é fundamental tanto na produção de **alimentos saudáveis** como na construção de um **projeto popular** (da classe trabalhadora) para os municípios e para o Brasil.

Também a unificação das pautas de luta pelos direitos sociais, reforma agrária popular, reforma política e outras bandeiras são uma luta dos trabalhadores do campo e da cidade, e são condições importantes na transformação social.

Pois um outro **mundo melhor** é **necessário e possível**.

estabilidade - segurança - autonomia



A agroecologia como base

A **agroecologia** é uma forma de **interagir positivamente no meio ambiente**, pois possibilita a melhoria da **funcionalidade** (capacidade de se auto regular) e **fertilidade** dos sistemas, aumenta a **biodiversidade**, aumenta a resistência e resiliência (capacidade de continuidade) dos sistemas e possibilita produzir **alimentos saudáveis**.

Expediente

Edição e Produção: Marlene Lúcia Siebert Sapelli
Diagramação: Eduardo Maciel Ferreira
Distribuição: Universidades e Escolas do Campo
Tiragem: 1000 exemplares
Cidade: Guarapuava

Realização:

